

“A GENTE CONSEGUE SE ACOLHER”: EM BUSCA DAS ESTÉTICAS DA BERLIM TROPICAL ENTRE CENAS MUSICAIS FORTALEZENSES

“WE CAN WELCOME EACH OTHER”: IN SEARCH OF BERLIM TROPICAL’S AESTHETICS AMONG FORTALEZA-BASED MUSIC SCENES

Gabriel Holanda Monteiro¹

RESUMO

Este artigo busca apreender quais seriam as estéticas da Berlim Tropical, um coletivo LGBTQIAPN+ fortalezense de música pop eletrônica, por meio de modulações entre suas obras audiovisuais, engajamentos afetivos e territorialidades relacionadas às suas *performances* em *shows*, festivais e festas na urbe da capital cearense. Partindo da premissa de que a estética está diretamente ligada aos (des)afetos e ao campo do sensível, este trabalho tem como eixo analítico o espectro de emoções que pairam entre os sentimentos de deslocamento (não pertencimento) e acolhimento (pertencimento) para analisar as expressões artísticas do coletivo. Adotando como metodologia a cartografia musical proposta por Fernandes e Herschmann (2015), a investigação constata que a Berlim Tropical adota uma pluralidade de estéticas (*punk*, *clubber*, *queer*, *tropical*, *pop*, *latina*, “*arrasta wave*”, *camp*, *indie*) que refletem os entrelugares que o grupo ocupa por meio de sua atuação entre cenas musicais fortalezenses e da mistura de estéticas cosmopolitas transnacionais; por fim, o estudo aponta para a estética como um caminho para a análise de fenômenos multiformes que transitam por distintos entrelugares culturais urbanos.

PALAVRAS-CHAVE: Estética; Música pop; Culturas urbanas; Cenas musicais; Berlim Tropical.

ABSTRACT

This article seeks to understand which would be the aesthetics of Berlim Tropical, a LGBTQIAPN+ and Fortaleza-based electronic pop music collective, through modulations between their audiovisual works, affective engagements and territorialities related to their performances at shows, festivals and parties in the city of the capital of Ceará. Starting from the premise that aesthetics is directly linked to (dis)affections and to the sensitive’s field, this work has as analytical axis the spectrum of emotions that hover between the feelings of displacement (not belonging) and welcoming (belonging) to analyze the collective’s artistic expressions. Adopting the musical cartography proposed by Fernandes and Herschmann (2015) as a methodology, the investigation finds that

¹ Mestre em Comunicação pelo PPGCOM/UFC, doutorando em Comunicação no PPGCOM/UFPE; e-mail: gabe.docx@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (Capes) – Código de Financiamento 001. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4429-4831>.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Berlim Tropical adopts a plurality of aesthetics (punk, clubber, queer, tropical, pop, latin, “arrasta wave”, camp, indie) that reflect the in-between spaces that the group occupies through its performance among Fortaleza's musical scenes and the mixture of transnational cosmopolitan aesthetics; finally, the study points to aesthetics as a way to analyze multiform phenomena that transit through distinct urban cultural in-between places.

KEYWORDS: Aesthetics; Pop music; Urban cultures; Music scenes; Berlin Tropical.

1. Introdução: Uma Cidade Imaginada

Nas ruas, nas ruas
Te vejo, tô na sua
Desfilando na tua frente
Te pedindo um sinal
Não leve a mal

(Berlin Tropical, 2023)

Desde 2012, Berlin Tropical tem se (re)modulado como coletivo, produtora e selo musical que parte da periferia de Fortaleza, Ceará (bairro Padre Andrade). Como já indica o nome do grupo, formado por Clapt Bloom, Rosabeats e Lola García (Figura 1), estamos falando de uma tropicalização cearense de Berlim, capital alemã conhecida por suas cenas musicais *underground* do *techno*; mais do que isso, trata-se de uma cidade projetada dentro (e para além) dos limites territoriais da urbe, fabulada a partir da comunicabilidade da música pop. Com um expressivo senso fashionista, os três artistas desfilam nas ruas, na praia, nos clubes, nos palcos e no meio do mato, compondo uma estética multiforme, mas ainda assim reconhecível por seus distintos públicos.

Embora o coletivo seja formado por um trio, ele tem atuado especialmente em subdivisões como as duplas *Intuición* (formada por Clapt e Rosabeats, 2012-2018; 2022), e *New Model* (Rosabeats e Lola, 2015-2018), além da banda *Hijas de Puta* (Clapt, Lola e Helenita Matos, 2016-2018). Desde 2018, Clapt e Rosabeats também atuam solo em estúdio, enquanto Lola dedica-se à carreira solo de DJ. Juntos, misturados e separados, Berlin Tropical tem ocupado palcos e bastidores de diversos territórios em Fortaleza, dos centrais (Dragão do Mar, Praça dos Leões, Praia de Iracema, boates LGBTQIAPN+ do bairro Benfica) aos periféricos (Mondubim, Bom Jardim, Jangurussu, Barra do Ceará, Itaperi, Henrique Jorge, Padre Andrade, para mencionar alguns). Além *de shows* em

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlin Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

pequenos e grandes festivais, o grupo também é conhecido por seus *DJ sets* ao vivo, uma experiência que mescla o envolvimento da música gravada na pista de dança com o experimentalismo da música ao vivo. Em entrevista concedida pelo grupo Lara Montezuma, para o jornal O Povo, Clapt aponta:

A gente se sentia deslocado no cenário musical. Não estávamos inseridos no *rock*, no eletrônico. A gente era meio fora da caixinha. Decidimos lançar o selo para ter um espaço nosso, um lugar onde a gente poderia lançar trabalhos. Ele também foi criado pela necessidade de agregar no movimento da cultura da Cidade (Montezuma, 2023, n.p.)

Figura 1 – Rosabeats, Clapt Bloom e Lola García, integrantes da Berlim Tropical



Fonte: Instagram²

A fala da artista evoca um sentimento de deslocamento que foi compartilhado entre os três amigos e que os levou à articulação em um coletivo musical que se situa entre o *rock* e o eletrônico. Seus shows mais recentes propõem “uma mistura de pop e eletrônica, reforçando a identidade diversa na cena musical cearense” (Santos, 2023, n.p.). Enquanto Straw (2013) postula que cenas musicais se configuram pelas relações

² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DCQAw5etnHX/>. Acesso em: 23 nov. 2024.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

tecidas, por meio da música, entre as produções socioculturais de sentido e suas fronteiras territoriais, Janotti Junior e Sá (2013, p. 5) propõem que elas surgiram para “transformar espaços em lugares”; já Clapt desabafa que a Berlim Tropical se sentia deslocada entre as cenas e precisava criar um lugar próprio.

Além de não se inserirem totalmente nem no *rock* nem no eletrônico, as canções do coletivo transitam entre o *reggae*, *synthpop*, *punk*, *xote*, *electroclash*, *electropunk*, *discopunk*, forró, lambada, tecnobrega, *house*, *funk* e até mesmo *Maracatron* (2020), o maracatu eletrônico com roupagem *reggaeton* da canção homônima de Rosabeats. Como colocado por Montezuma (2023, n.p.), “de fato, não é possível sintetizar a fusão por trás do projeto”, embora o grupo reivindique o pop em sua linguagem.

Janotti Junior (2020) observa que a atual configuração da música pop não pode ser resumida no popular massivo; além dele, ela também engloba as particularidades das produções musicais locais que são por ela atravessadas, além do ecossistema de mídias de conectividade que envolve a circulação das obras. Para o autor, o termo pop:

Não dá conta das transculturalidades que atravessam a produção local. Os acionamentos da música pop como modo de habitar a Cosmópolis muitas vezes mascaram os processos de reterritorialização das sensibilidades locais, atravessadas por questões de classe, gênero e raça em diferentes contextos sociais (Janotti Junior, 2020, p. 26).

Tal “deslocamento” narrado por Clapt corroborou para que a Berlim Tropical ocupasse **entrelugares** culturais (Bhabha, 2013) que tensionam as categorizações da própria música pop: é experimental, mas também é comercial; vem do *underground*, mas adota uma linguagem da “farofa” *mainstream*; é local, mas bebe do internacional; é eletrônico, mas flerta com diversos outros gêneros musicais; está na cena musical eletrônica fortalezense, mas precisou criar seu próprio lugar dentre as cenas.

Na mesma entrevista em que Clapt desabafa sobre o sentimento de deslocamento, Rosabeats resgata o acolhimento que os une: “a gente consegue se acolher tanto artisticamente, quanto pessoalmente, socialmente, politicamente (Montezuma, 2023, n.p.)”. Enquanto o deslocamento está associado ao não pertencimento (e a emoções como desconforto, incômodo, dor, frustração, raiva, melancolia, desesperança, solidão), o acolhimento relaciona-se ao pertencimento, aos afetos de cura, paixão, esperança,

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

empatia, alívio, euforia, fraternidade... Estamos falando de processos de engajamentos (des)afetivos envolvidos naquilo que Bruno Latour chama de associações; nas palavras do autor (2012, p. 49): “não há grupos, apenas formações de grupos”. Para apreender as estéticas da Berlim Tropical, mais importantes do que o grupo (ou seus subgrupos) são os elos sociais estabelecidos interna e externamente.

Por onde começarmos? Como sempre, o melhor é começar em meio às coisas, *in medias res*. Que tal a leitura de um jornal? Sem dúvida, temos aí um ponto de partida tão bom quanto qualquer outro. Quando o abrimos, é como uma chuva, uma inundação, uma epidemia, uma peste. A cada duas linhas, o redator deixa um traço de que um grupo está sendo feito ou desfeito. [...] Relacionar-se com um ou outro grupo é um processo sem fim constituído por laços incertos, frágeis, controvertidos e mutáveis. Não é curioso? Se apenas seguissemos as pistas dos jornais, o principal postulado da sociologia seria que, a qualquer momento, os atores podem ser enquadrados num grupo – às vezes, em mais de um (Latour, 2012, p. 49-50).

Quando Rosabeats fala para o jornal que “a gente **consegue** se acolher”, está implícito um esforço de resistência às próprias individualidades, como quem diz: apesar das divergências, há acolhimento. É evidente que mesmo dentro da Berlim Tropical há sentimentos de deslocamento expressos em desentendimentos internos, afastamentos e divisões dos integrantes em seus projetos pessoais – afinal, a amizade opera simultaneamente pelo deslocamento e acolhimento. Como conta Lola, após atuações em duos, bandas e carreiras solo, “esse período ajudou para que a gente se fortificasse para voltar agora como grupo” (Montezuma, 2023, n.p.). Unindo suas forças, em 2023 a Berlim Tropical ressurgiu pela primeira vez como trio nos palcos de festivais (Férias na PI, Barulhinho Delas, Dragão Fashion); nas festas da Berlim Tropical (que contam com os *DJ sets* e as *jam sessions*, experimentações vocais e instrumentais ao vivo); no desfile comemorativo de dez anos da grife fortalezense David Lee; e no estúdio, com a produção e lançamento da *mixtape Pancadão Solar*.

Como sugere Latour (2012), o jornalismo cultural é um ponto de partida comum, porém válido: Montezuma (2023) expressa, em sua reportagem, a intrínseca dificuldade de se enquadrar a Berlim Tropical em uma demarcação. Os entrelugares culturais que eles ocupam culminam em uma estética igualmente difícil de se categorizar em uma

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

“caixinha”; seria cômodo classificá-la como uma estética pop ou *clubber*, mas o sentimento de deslocamento gera um constante movimento de associações. Sendo assim, quais são as estéticas adotadas pelo coletivo e o que elas indicam sobre culturas urbanas fortalezenses?

A ciência da estética busca conhecer o mundo por meio do sensível; na música, para além da audição, todos os nossos sentidos são estimulados, seja na criação ou na fruição de uma obra. Logo, a experiência estética está diretamente ligada aos sentimentos, às emoções despertadas pelos sentidos. Georges Didi-Huberman reivindica o choro como uma das fundamentais expressões estéticas das emoções, dando como exemplo a música.

Um dia, enquanto chorava, cruzei por acaso com o meu reflexo no espelho: vi minha própria imagem toda enrugada, meus lábios todos contraídos, minhas lágrimas. E nesse dia eu parei de chorar. Mas ainda hoje acontece, até com alguma frequência, que eu tenha vontade de chorar quando uma emoção toma conta de mim, me submerge. Por exemplo, quando ouço certas músicas (Didi-Huberman, 2016, p. 9).

Para compreender as estéticas da Berlim Tropical, é importante ter na mente (e no coração) esse espectro de emoções que transitam entre o pertencimento e o não pertencimento – seja a um grupo, a uma cena cultural ou até mesmo à própria cidade. Para além dos (des)afetos, tais estéticas perpassam as dinâmicas desenvolvidas entre os espaços públicos e as práticas de ocupação, apropriação e ressignificação de tais territórios por parte de grupos musicais e seus fãs. Fernandes e Herschmann (2015, p. 291) reconhecem essas dinâmicas como uma “experiência estética coletiva”, uma manifestação daquilo que denominam “territorialidades sônico-musicais”; apresentam, ainda, a cartografia musical como uma proposta metodológica sensível a esses fenômenos.

Ao defenderem a relevância instrumental da cartografia para os estudos de comunicação e música, os autores apresentam o ato de cartografar como a “escolha de ‘novos mundos’” (Rolnik, 2011 *apud* Fernandes; Herschmann, 2015, p. 299). Escolhe-se um novo mundo ao se estabelecer um recorte único sobre a territorialidade sônico-musical de um fenômeno. De acordo com a dupla, quem opta por seguir por esse caminho na interface entre as duas áreas tem interesse na riqueza de narrativas, estéticas,

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

territorialidades, fabulações, imaginários locais, contextos e possíveis desdobramentos relacionados à atuação da música, ou seja: a comunicabilidade dos fenômenos musicais nas urbes. Por meio desse método, é possível que o pesquisador produza uma espécie de roteiro narrativo sobre as expressões estéticas de tais territorialidades.

Adentremos, então, o mundo da Berlim Tropical – partindo de uma cartografia que se debruça sobre os distintos projetos lançados pelo coletivo desde 2012.

2 “Não há grupos, apenas formações de grupos”

Em janeiro de 2023, Berlim Tropical fez um *show* como trio no festival Férias na PI, uma iniciativa pública da Prefeitura Municipal de Fortaleza e da Rede CUCA³. Sediado na Praia de Iracema (apelidada como “PI”, um dos pontos turísticos mais famosos e economicamente desiguais da capital do Ceará), o evento é uma das atrações centrais da programação de férias da cidade e reúne artistas locais, regionais e nacionais. Após dividir o palco com a cantora Ludmilla, eles deram uma entrevista para a JuvTV, na qual Rosabeats relembra o passado do coletivo.

É possível produzir dentro do quarto com um computador sem bateria e parar aqui, no Férias na PI. A gente já tocou em cada lugar... A gente já tocou de frente pro mato, a gente já tocou no Maracanaú,⁴ a gente já tocou em todos os cantos dessa cidade possíveis. A gente já tocou em lugares em que saía barata do sofá, a gente já tocou com bandas de metal... Então, tipo, “tu vê” o nosso *show* hoje, mais pop, mais tropical, mas as pessoas não imaginam o que a gente já passou pra chegar até aqui (JuvTV, 2023, informação verbal).

Voltemos, então, aos primórdios da Berlim Tropical, quando Rosabeats e Clapt – ou melhor, Leonardo e Clarissa, amigos de escola – não vislumbravam ainda a ideia de

³ Grande parte das obras e projetos da Berlim Tropical foi desenvolvida com apoio dos CUCAs. A Rede Cuca é uma política pública de proteção social e oportunidades para jovens executada pela Prefeitura de Fortaleza, por meio da Secretaria Municipal da Juventude. Iniciada em 2009, a Rede conta com cinco Centros Urbanos de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (Cuca), localizados nos bairros Barra do Ceará, Mondubim, Jangurussu, José Walter e Pici. Disponível em: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>. Acesso em: 25 jun. 2023.

⁴ Município localizado na Região Metropolitana de Fortaleza.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

formar um coletivo, mas decidiram seguir a intuição de que deveriam montar uma dupla de música experimental eletrônica.

2.1. *Intuición* (2012-2018; 2022)

Como conta Clapt em *Intuición* (Mini Doc), tudo começou em 2010, quando ela montou sua primeira banda, Scarleth (Figura 2), um projeto de *rock* alternativo que fazia *shows* em festas *underground* no bairro periférico Henrique Jorge, repaginando canções de Lady Gaga e de bandas femininas de *rock* como Hole e The Distillers. Enquanto isso, Rosabeats já produzia *remixes* e passou a criar suas próprias batidas, inspirado por artistas como Jeffree Star e The Veronicas. Quando Clarissa descobriu que seu amigo Leonardo também tinha uma paixão por fazer música eletrônica e *rock*, ambos decidiram – movidos pela ânsia de criar algo que juntasse (e destoasse de) ambos os gêneros – formar *Intuición*, uma dupla de *eletropunk* e *discopunk*. O primeiro lançamento foi um *remix* de *Frozen*, canção de Madonna – o que aponta, assim como as referências da banda Scarleth, para a ponte que a Berlim Tropical faz entre o pop e outros gêneros.

Figura 2 – Clapt em *show* da banda Scarleth no Rock Cordel (2012)/Rosabeats e Clapt relembram o início do *Intuición* no mini documentário de dez anos da banda (2022)



Fonte: Reprodução/Youtube⁵.

Os artistas contam, no documentário, que eles não sabiam nem por onde começar, visto que Clapt vinha do *rock* fortalezense e que a cidade não tinha uma cena eletrônica expressiva naquele momento (ou, na verdade, esta não era conhecida pela dupla). Iniciaram, portanto, na cena *rock*, que foi a primeira a acolhê-los.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nnBy1jz7QsM>. Acesso em: 16 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Contudo, logo de início o sentimento de não pertencimento já se fazia presente. Márcio Benevides, na tese “Música além da música: uma etnografia dos afetos e das coletividades na cena *rock* de Fortaleza-CE” (2019), dedica parte de sua análise ao *duo Intuición*. Segundo o autor, Rosabeats (que na época adotava o nome artístico Lua Underwood) era “um dos raros gays assumidos de uma cena predominantemente masculina, fato que rende curiosidade e até hostilidade” (Benevides, 2019, p. 56), enquanto “a *performance* de Clapt inclui seminudismo (geralmente fazia *topless*), ação que eventualmente desagradava parcelas conservadoras dos roqueiros, especialmente a dos metaleiros/*bangers*” (p. 42). Em entrevista para a tese, Clapt desabafa:

Quando o *Intuición* começou, 60% dos produtores que aceitavam a gente no *show* deles queria me pegar. Às vezes era eu, às vezes era o Lua [Rosabeats], às vezes queriam transar com os dois. Fora isso, também já me beijaram no meio de um *show*, de língua, eu fiquei sem reação, mas isso foi uma puta falta de respeito. Antes do *Intuición*, em uma apresentação da Scarleth, ficava um monte de macho tirando foto da minha calcinha porque nesse dia eu tava de saia e me jogava mesmo, eu sempre sofri machismo, então infelizmente não me surpreendo (Bloom *apud* Benevides, 2019, p. 43).

Embora Clapt e Rosabeats se acolhessem em sua amizade e partilhassem do prazer e da paixão por fazer música, o deslocamento que sofriam (em forma de assédios, exclusões e desrespeito) em um cenário bastante masculino, cishetero e branco se convertia em sentimentos como raiva, repulsa, revolta – perceptíveis na fala de Clapt. Ela pode ter ficado sem reação ao ser beijada no *show*, mas havia um espaço para reagir na música e na *performance*, como se pode sentir na estética do *Intuición* (Figura 3): coexistindo com um visual glamuroso, *queer* e pop, há instrumentais eletrônicos caóticos, alto BPM, guitarras distorcidas, gritos, vocais abafados, letras e posturas agressivas, predominância de cores mais frias e sóbrias (azul, roxo, preto). A *performance* ao vivo era repleta de raiva, dor, confusão, medo, desespero, euforia, prazer e contra-ataque. Enquanto Rosabeats era mais tímido (contrastando com sua confiante presença de palco nos *shows* da Berlim Tropical em 2023), Clapt era expansiva e visceral. Nas primeiras músicas do *Intuición*, era difícil entender as letras devido à falta de polidez no som – uma escolha estética e, ao mesmo tempo, um reflexo das condições de produção da dupla até então (um computador sem bateria).

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Figura 3 – Clapt em *show* do *Intuición* na Praça Verde do Dragão do Mar/Clapt e Rosabeats no videoclipe *Qué Rico!* (2017)



Fonte: Reprodução/Youtube⁶.

O projeto ainda leva ao pé da letra a estética *indie*: independente e experimental. Seja rock, pop ou eletrônico, o *indie* possui uma consolidada comunidade de fãs em Fortaleza, encontrando morada em lugares como o clube *Noise 3D*, um dos expoentes de tais culturas – das quais *Intuición* se apresenta como uma reminiscência – na urbe dos anos 2000 (Gadelha, 2007).

Faz-se importante pontuar que em Fortaleza há uma cena *rock* bastante articulada, o que é evidenciado pelos diversos bares e clubes que celebram o gênero na cidade e que movimentam a economia; pela consolidação da cultura gótica nos anos 2000; pelas 563 bandas e artistas de *rock* fortalezenses catalogados na tese de Benevides (2019); ou, ainda, pelo fato da capital cearense ser a única cidade nordestina a ter a sua própria Galeria do Rock. Como observado por Fernandes e Souza (2009, p. 87), a Galeria do Rock de São Paulo, assim como a de Fortaleza, é um “pequeno ‘alto lugar’” de comunhão de uma diversidade de pessoas que se unem pela paixão pelo gênero. Contudo, o mesmo lugar de acolhimento também pode ser de exclusão e discriminação, especialmente para as mulheres, pessoas LGBTQIAPN+ e/ou não brancas que adentram os territórios do *rock*.

Paralelamente ao caos estético do sentimento de não pertencimento, o acolhimento pode ser sentido no título do terceiro e último EP do *Intuición*, *Drugui* (2016). Em *Nadsat*, a linguagem secreta criada por Anthony Burgess no livro *Laranja Mecânica* (1962) – que inspirou a dupla no EP, como indica a terceira faixa, *Nadsat Love* –, *drugui* significa “amigo”. Na capa (Figura 4), uma montagem com elementos

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RZVb3WW26zA>; <https://www.youtube.com/watch?v=WZk96jJk3JM>. Acesso em: 19 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

duplicados dos corpos de Clapt e Rosabeats, sem mostrar seus rostos, acompanhados de um *lettering* que remete ao pixo, estética da subversão urbana. A imagem é psicodélica, evidenciando o trocadilho entre *drugui*, amigo, e *drug*, droga. Desde *Intuición*, a amizade já era um sentimento presente nas obras da Berlim Tropical. Da falta de polidez à ideologia rebelde (passando pela articulação das gangues), a estética desse primeiro projeto do coletivo é marcada pelo *punk*, uma (contra)cultura que se prolifera no asfalto escaldante fortalezense. Um *eletropunk* latino, modulado pela mistura do português com o espanhol e o inglês em canções como *Chica Morfina* (2016) e *Qué Rico!* (2017).

Figura 4 – Capa do EP *Drugui* (2016); ensaio fotográfico para *Drugui* e para o retorno comemorativo de dez anos da banda (2022)



Fonte: Facebook⁷.

A banda já se apresentou em diversos locais de Fortaleza e Região Metropolitana, como na Praça Verde do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura; em Maracanaú; no Enecom (Encontro Nacional de Estudantes de Comunicação Social, na Universidade Federal do Ceará, bairro Pici) em 2016;⁸ no festival Maloca Dragão (Praia de Iracema); no Casarão Benfica (no bairro homônimo que concentra grande parte da cultura LGBTQIAPN+); e em diversos festivais independentes da cena noturna *underground* do *rock* e do eletrônico. Os *shows* reuniam um expressivo público *queer*, gótico e *clubber*.

Em 2017, Clapt e Rosabeats decidiram, junto a Lola, criar o selo independente Berlim Tropical para ter uma plataforma própria de lançamento e distribuição de suas

⁷ Disponível em: [https://www.facebook.com/intuicionn/photos/pb.100053209523754.-2207520000./767983013333558/?type=3](https://www.facebook.com/intuicionn/photos/pb.100053209523754.-2207520000./767983013333558/?type=3;);
[https://www.facebook.com/photo/?fbid=769634729835053&set=pb.100053209523754.-2207520000](https://www.facebook.com/photo/?fbid=769634729835053&set=pb.100053209523754.-2207520000;);
<https://www.facebook.com/photo/?fbid=2584333945031780&set=pb.100053209523754.-2207520000>.
Acesso em: 19 jul. 2023.

⁸ Embora os integrantes da banda não tenham cursado Comunicação, a Berlim Tropical tem uma estreita relação com alguns dos estudantes que passaram pelo curso de Comunicação da Universidade Federal do Ceará na década de 2010, realizando *shows* em eventos acadêmicos, saraus e calouradas.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

músicas. Ironicamente, foi na época dessa articulação que a dupla decidiu terminar suas atividades até então⁹, devido a desentendimentos, distanciamentos e divergências de planos de carreira entre Clapt e Rosabeats. Paralelamente, um segundo projeto da Berlim Tropical passa a chamar atenção dentre as cenas noturnas da cidade; surgia um novo modelo de se fazer música pop *underground* em Fortaleza.

2.2. *New Model* (2015-2018)

New Model é a dupla de eletropop formada a partir da colaboração entre Rosabeats e Lola García. Antes da dupla começar a produzir e lançar músicas no *soundcloud* em 2015, Lola era *drag queen* e já era um nome expoente da cena LGBTQIAPN+ fortalezense, além de ser amiga de Rosabeats e de Clapt. Durante a atuação no projeto *New Model*, ela foi se identificando e se afirmando como mulher trans, passando por seu processo de transição também por meio da arte, sublimando experiências e emoções em músicas e *performances* e declarando, junto a Rosabeats, sua própria estética: *clubber tropical* e *punk*, como se pode perceber no EP *Tropical Technology*, lançado pelo *duo* em 2017, e em imagens de ensaios fotográficos e *performances* ao vivo (Figura 5). O projeto foi responsável por estabelecer associações entre as tribos *clubber* (as “baladeiras”), os “praieiros”, a comunidade LGBTQIAPN+ e a cena eletrônica fortalezense.

Figura 5 – Capa do EP *Tropical Technology* de *New Model*; ensaio fotográfico da dupla; videoclipe de *Praiana*; *performance* de *Sad Fashion*



Fonte: Spotify/Facebook¹⁰.

⁹ *Intuición* teve um retorno ao estúdio e aos palcos em comemoração aos dez anos do projeto, em 2022. Lançaram um *single* (Super Cápsula), um *remix* de Frenética (canção lançada em 2017) e um minidocumentário.

¹⁰ Disponível em: <https://i.scdn.co/image/ab67616d0000b27358ee2810466eb963930a68bb>; <https://bit.ly/3OjfNcG>; <https://bit.ly/46Z9Rgq>; <https://facebook.com/NewModelDuo/videos/702139819984612>. Acesso em: 19 jul. 2023.

O que seria o *clubber* tropical? *Clubbers* são frequentadores assíduos de festas e baladas, frequentemente (mas não apenas) de música eletropop. Como estética, o *clubber* está associado a todo um movimento cultural urbano que acontece especialmente à noite, seja nos bueiros mais alternativos ou nas boates mais elitizadas das cidades. Enquanto cultura, envolve formas de se vestir, gírias, jargões, cores, sons, cheiros, gostos, trejeitos e práticas como a dança, o canto, a mixagem, a pegação e o consumo de substâncias recreativas – esta última bastante presente nas músicas do *New Model* (e em sua imagética psicodélica), como nos versos das canções *Sad Fashion*, *Electrolambada* e *Praiana*, respectivamente: “*Look, it’s Miss Cocaine looking at the window*” (New Model, 2017a, n.p.); “Linda no banheiro junto com a amiga Cocaína” (New Model, 2017b, n.p.); “Dia na praia queimando bia, na mão São Braz/Toda maluca na pala ‘cause I can see in your eyes” (New Model, 2017c, n.p.)¹¹. Ao cantar sobre o “vinho” São Braz (bebida fermentada com flavorizantes de vinho), *New Model* desloca ainda as referências às bebidas caras e importadas (típicas da música pop *mainstream*) para o vinho popular paraibano que é amplamente consumido pelos jovens fortalezenses.

As letras do *New Model* abordam vivências com as amigas na balada (*clubber*) e na praia (tropical), espaços também de sobrevivência e de resistência da comunidade LGBTQIAPN+, mencionando os quartos vermelhos, inferninhos, o *rock* dos anos 1980, o mar, o calor, a diversão na praia. Além de Rosabeats e Lola, o projeto contou com um balé composto inteiramente por bichas e uma mulher trans (Maria Caironi, João Gabriel, Rodrigo Lopes e Cícero Renan). As *performances* eram repletas de carão, *close*, *voguing*, movimentos afeminados e evocavam um pequeno exército de monas colocadas. Como conta Benevides (2019, p. 57), os projetos *Intuición* e *New Model* “sempre repercutem com uma postura política de resiliência, associada às causas LGBTT”.

Contudo, junto ao acolhimento anda o sentimento de deslocamento em uma sociedade cishetero: em *Transangel* (New Model, 2017d, n.p.), segunda faixa do EP, Lola canta: “Ele disse que eu não sou uma mulher. [...] Andrógino tro-tropical, neutralizado, sensacional/Eu não sei o que é que é/Terceiro ser, um parecer/Bota salto no meu pé/Eu sou o que exige fê porque/*Transangel is the new black!*”. Na canção, Lola, a *transangel*

¹¹ “Bia” é o nome dado em Fortaleza ao pequeno resto de cigarro de maconha. Já “dar pala” é uma gíria que significa deixar transparecer que se está sob o efeito da maconha ou de outras substâncias recreativas.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

que também é modelo, narra sua vivência com a transfobia ao passo que reivindica uma fé e afirma, em alusão à expressão bastante difundida no mundo das passarelas, que ser trans é o novo preto, a nova moda. O videoclipe (Figura 6) é repleto de visuais coloridos, cosmopolitas, psicodélicos e de coreografias de *voguing* que compõem, junto à música, uma estética *queer*, para além do *clubber* tropical.

Figura 6 – Cenas do videoclipe *Transangel* de *New Model*



Fonte: arquivo pessoal¹².

Em meio a uma cena eletrônica fortalezense bastante *underground*, *New Model* aparece propondo uma aproximação entre o *clubber* e a cultura pop *mainstream*, por meio de sons e visuais inspirados em David Bowie, Madonna e Lady Gaga; de influências da cultura *disco*, das roupas dos anos 1970 e 1980, da discoteca Studio 54; e de uma atitude bastante *punk* nos palcos, quando também expressam sua rebeldia. Porém, enquanto na Europa a cultura *clubber* é bastante associada ao frio cosmopolita, *New Model* desloca esse movimento para o tropical, para Fortaleza, com elementos praianos e cores bastante saturadas e quentes (amarelo, vermelho, laranja), fazendo apresentações tanto em eventos mais *underground* como em palcos mais populares, como os da *Synth Punk Party* (bairro Benfica); do Anfiteatro do Dragão do Mar (Centro); do festival Maloca Dragão (Praia de Iracema); e do Centro Cultural Grande Bom Jardim (Bom Jardim), no evento de comemoração do Dia da Visibilidade Trans, em 2018. Paralelamente ao fim do projeto que levou a cabo com Rosabeats, Lola se junta a outras duas “filhas da puta” em uma nova banda que se lançou pelo selo do coletivo.

2.3. *Hijas De Puta* (2016-2018)

¹² O videoclipe foi removido da plataforma *Youtube*, mas disponibilizo aqui, com consentimento das artistas, as capturas de tela do arquivo.

Esse é o nome do primeiro projeto inteiramente feminino da Berlim Tropical, formado em 2017 por uma mulher trans (Lola) e duas mulheres cis (Clapt e Helenita Matos, uma colaboração especial no projeto). Transitando entre gêneros musicais como o *lo-fi*, *eletropunk* e *grunge*, com vocais etéreos, sintetizadores pouco polidos e guitarras distorcidas, as *Hijas de Puta* lançaram em 2017 as canções *Ei Baby* e *Brujas*, além do EP *Doença Terminal*, em 2018, cuja capa (Figura 7) traz um desenho feito por Lola, que também é artista plástica. Na ilustração, vê-se uma pessoa com traços andróginos, um corte no seio e um absorvente que pende de suas pernas, trazendo uma inundação sanguínea pela capa.

Figura 7 – Capa do EP *Doença Terminal* das *Hijas de Puta*; *performance* no Casarão Benfica; ensaio fotográfico da banda



Fonte: Deezer; Youtube; Vozes Femininas¹³.

A capa ilustra as músicas repletas de dor, ódio, medo, raiva, frustração, abandono, solidão, angústia e apatia sentidas pelas artistas, em especial por Clapt, a compositora das faixas. Em postagem¹⁴ da banda na rede social *Facebook*, ela conta sobre como a faixa *Tarde Quente*, por exemplo, reflete sua relação com a depressão na época em que trabalhava no terminal de ônibus do bairro Antônio Bezerra e se sentia completamente desmotivada como artista. A canção se inicia com os versos “Eu estou no lixo, *yeah*/Cheia de vícios, *yeah*/Eu acho que vou morrer/Eu ando sozinha, *yeah*” (Bloom, 2018). Sentir o sol escaldante de uma tarde fortalezense torrando uma mente ansiosa é, definitivamente, uma experiência estética.

¹³ Disponível em: <https://bit.ly/44PKiw5>; <https://www.youtube.com/watch?v=0EntqfETbGk>; https://vozesfemininasblog.files.wordpress.com/2018/03/img_2704editada.jpg. Acesso em: 19 jul. 2023.

¹⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/hijasdeput4/posts/pfbid02nLxwj4tFy3bT4uBxFG1NCTZQHwrh5xaJZXpmj6QLF8dV4BvtjKcYRKsfSjBwchSLl>. Acesso em: 17 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Embora as músicas sejam carregadas de fortes sentimentos associados ao deslocamento e ao não pertencimento, as *Hijas* não estavam completamente sozinhas. A banda foi uma forma de criar um espaço feminino para que Clapt, Lola e Helenita (que não integra o coletivo Berlim Tropical, mas que fez parte dessa banda) pudessem também se acolher. Não à toa as *Hijas de Puta* adotam – por meio do uso de cores como preto, rosa e roxo; do cabelo colorido de Clapt; dos acessórios e peças de roupa mais despojadas do *grunge*; de visuais ironicamente delicados; da sonoridade (e sororidade) raivosa, melancólica; e das temáticas das letras – uma estética bastante inspirada nas *Riot Grrrls*, movimento *punk rock* feminista (musical e político) que nasceu nos Estados Unidos no início dos anos 1990 e que foi encabeçado por bandas como *Bikini Kill*, *Bratmobile*, *Hole* e *Le Tigre*¹⁵. Assim como as filhas da puta de Fortaleza, as *Riot Grrrls* encontraram em sua própria articulação como banda uma alternativa de acolhimento frente ao deslocamento opressor agenciado pela sociedade misógina e transfóbica.

Em entrevista para o programa Conexões Periféricas (no episódio Cidade de Afetos, Sonhos e Resistência) da TV Ceará, Clapt e Lola comentam a importância da amizade para a resistência do coletivo independente. Nas palavras de Lola: “Eles são, assim, ícones pra mim. São pessoas em que eu me inspiro todos os dias, sabe? Todos os dias. Por tudo que eles já fizeram. [...] Eles meio que me fizeram acreditar que eu poderia viver o meu sonho e que era possível viver fazendo o que eu amo” (TV Ceará, 2017, informação verbal). Em seguida, Clapt retribui o carinho à sua amiga: “A Lola também só veio pra agregar mais ainda no grupo que a gente já tinha, ave maria... Sério. E a Lola é muito talentosa! Enfim, a amizade dela é tudo, gente! Não consigo nem falar por muito tempo porque enfim... Família, né?” (*ibid.*).

Ao colocar a Berlim Tropical como uma família, Clapt, tomada por um sentimento difícil de se traduzir em palavras, reforça os afetos do acolhimento que une, nutre, impulsiona e movimenta o coletivo. Especialmente para pessoas LGBTQIAPN+, a família nem sempre é de sangue; há a família que escolhemos, normalmente composta por nossos amigos. Já Lola, ao se referir a Clapt e Rosabeats como ícones, revela também a admiração, o carinho e a inspiração que denotam um lugar de fã de seus próprios amigos.

¹⁵ Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2016/05/-historia-do-movimento-riot-grrrl-punk-feminismo.html>. Acesso em: 17 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Ao abordarem a amizade feminina e o empreendedorismo musical, Clapt aconselha: “as meninas sempre são barradas, sempre são subestimadas. Não se deixem enfraquecer, sabe? Resistam” (*ibid.*).

Com *performances* que oscilavam entre a agressividade e a timidez, as *Hijas de Puta* mobilizaram um público majoritariamente feminino e LGBTQIAPN+, apresentando-se sobretudo em festas *underground* da cena noturna fortalezense como a *Tropical Noise* (organizada pela Berlim Tropical e sediado no bar Bolacha Mágica, no Centro de Fortaleza), onde performaram junto ao *New Model*; a Festa da Rua (Rua Instituto do Ceará, popularmente conhecida pelo público *underground* fortalezense como Rua do Gato Preto, bairro Benfica); e os festivais Entre Ruídos e Distorções e *Girls To The Front* (no Casarão Benfica). Contudo, as meninas faziam *shows* aonde quer que pudessem se proliferar, como no Bosque Moreira Campos (UFC, Benfica). A banda tem seu fim com pouco mais de um ano de sua formação, pouco antes de Clapt seguir solo.

2.4 Solos da Berlim Tropical (desde 2018)

Dando início à sua trajetória solo no fim de 2018, Clapt tem construído uma discografia que contém *singles*, regravações e três EPs. O primeiro deles é *In Bloom* (2018), no qual a cantora adota sua característica estética *punk* eletrônica, unindo elementos do *glam rock* e do pop, cores vivas contrastando com o preto nas roupas e na maquiagem carregada, guitarras que se misturam aos sintetizadores (Figura 8). Já no videoclipe de *Teardropdeal* (2019), ela aparece com um visual que remete à Debbie Harry, vocalista do grupo Blondie.

Figura 8 – Capa e ensaio fotográfico do EP *In Bloom*; capa do *single Teardropdeal*; cenas do videoclipe *Teardropdeal*



Fonte: Diário do Nordeste; Instagram; Deezer; Youtube¹⁶.

¹⁶ Disponível em: <https://bit.ly/3XXrg4I>; <https://www.instagram.com/p/Bq8nX1ZnqDj/>; <https://cdn-images.dzcdn.net/images/cover/8b287d406acabb683fd0750bfbbabf922/264x264.jpg>; <https://www.instagram.com/p/BtCPO5aHKKZ/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Em *Boneca do Cão* (2018), primeira faixa do EP *In Bloom*, a artista inaugura o uso da figura da boneca, elemento que passará a ser cada vez mais presente em suas obras. O nome da canção vem da percepção que ela tem de si: ao ouvir comentários na infância como “ela é tão linda, parece uma boneca!”, Clapt respondia “boneca do cão, só se for!”. Concepções sobre o belo e o feio aqui se misturam em um *alter ego* que evoca as contradições estéticas presentes em uma artista que se inspira nas divas do pop e nas roqueiras da cena *punk*. A obra de Clapt conversa diretamente com quem já se sentiu um lixo sob o sol de uma tarde fortalezense escaldante; com aquelas *dolls* que, assim como Tiffany Valentine, são vistas como horrorosas e estranhas, mas que encontram nas festas e demais espaços *underground* de Fortaleza um lugar para chamar de seu, mesmo que momentaneamente. Não à toa, seu público é composto majoritariamente por pessoas LGBTQIAPN+.

Já no segundo EP, *Vitrine* (2021), Clapt adota uma estética bastante pop, repleta de cores marcantes, visuais polidos e hiperproduzidos, com inspirações visuais em artistas como Lady Gaga, Nicki Minaj e Courtney Love, além de personagens clássicos do cinema como Chucky, do filme *Brinquedo Assassino* (1988), e Tiffany Valentine (*A Noiva de Chucky*, 1998). A sonoridade da obra também é mais pop, articulando principalmente os gêneros *house*, EDM e *eletropunk* (Figura 9).

Figura 9 – Capa do EP *Vitrine*; ensaios fotográficos para as canções *Unpopstar*, *Vale das Bonecas*, *Mufina* e *Saliva na Minha*



Fonte: Instagram¹⁷.

Em *Vale das Bonecas* (2021), segundo *single* do EP, a figura da boneca retorna como uma analogia às suas amigas, sendo elas em sua maioria pessoas LGBTQIAPN+.

¹⁷ Disponível em: <https://www.instagram.com/clapt/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

O termo passou a englobar também suas fãs, como indica a *fan page* Bonecas da Clapt¹⁸. Durante a divulgação da canção, a artista postou em seu perfil na rede social *Instagram*:

O Vale das Bonecas é mais do que um lugar, é um estado mental que pode te prender por horas ou apenas alguns minutos, é aquele momento de intensa inspiração. Como já falei antes, consigo acessar esse lugar com mais facilidade com a ajuda das minhas bonecas (amigas) que despertam tantos sentimentos em mim. E vocês? Quem te faz sentir profunda inspiração, vontade de criar, usar toda essa roupa que te faz delirar, de sair na noite a encantar? (Bloom, 2021a, n.p.).

Na canção, temos os versos “Não nasci no norte da América/Não sou tudo o que, o que se espera/Mas hoje eu vou levantar/Minhas bonecas vou encontrar/Sair na noite a encantar/Sempre, sempre pronta pra criar” (Bloom, 2021b, informação verbal). Em meio a tantas letras do EP *Vitrine* que falam da frustração de não ser reconhecida como artista; da falta de investimento que os artistas independentes locais enfrentam e, consequentemente, da luta do artista que trabalha por CLT; da necessidade de se vender como um produto para a indústria fonográfica; da solidão vivenciada no isolamento social da pandemia de Covid-19; das pulsões de morte que imobilizam a artista; e da rejeição sofrida nos relacionamentos afetivos, Vale das Bonecas surge como uma pulsão de vida proporcionada pelas emoções do acolhimento que Clapt recebe de suas amigas, incluindo as da *Berlim Tropical*. Amizades (des)constroem cenas musicais e são, assim como as festas, dispositivos epistemológicos para se apreender territorialidades sônico-musicais.

Em *Povo em lágrimas, povo em armas*, Didi-Huberman apresenta uma espécie de ruptura epistemológica que se teve na Filosofia em relação à emoção: enquanto para os clássicos a emoção era apreendida como um lugar passivo de impasse perante à realidade que insiste sobre o sujeito, para os filósofos modernos trata-se justamente de um lugar (ou estado, assim como o vale das bonecas de Clapt) de criatividade ativa que destrói, mesmo que virtualmente, o mundo objetivo – no caso, a dura realidade vivenciada pela artista. É a emoção proporcionada por suas bonecas que faz com que ela queira “levantar”.

O sujeito da emoção transforma, então, sua “passividade” inicial – esse “impasse existencial” ligado ao fato de que ele “não consegue

¹⁸ Disponível em: <https://www.instagram.com/bonecasdaclapt/>. Acesso em: 17 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da *Berlim Tropical* entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

enfrentar” uma certa ordem do mundo que lhe é imposta – em um gesto insurrecional de seu próprio corpo, uma “atividade” que começa pela destruição, porventura psíquica e virtual, desse mundo objetivo que se trata, então, de “estilhaçar”. A emoção seria algo assim como uma revolta oblíqua, um ato paradoxal que ele não consegue “enfrentar”. Entretanto, ele não desiste de transformar o mundo, o que começa a fazer no plano da imanência constituído por suas próprias respostas gestuais, corporais (Didi-Huberman, 2021, p. 43).

A estética de Clapt seria, portanto, a da própria boneca do cão e tudo aquilo que esse *alter ego* engloba: do *glamour* da “diva sem palco ou TV” (Bloom, 2021c, informação verbal) na faixa *Unpopstar* à “existência tão falha” (Bloom, 2021d, informação verbal) escancarada na canção Mufina, a artista transita entre o pop e o *punk*, entre o colorido e o sombrio, entre o deslocamento e o acolhimento. Em sua trajetória solo, ela já se apresentou em palcos de *rock* e pop como os do Centro Cultural Belchior (na Beira-Mar); do Aterro da Praia de Iracema; de boates de São Paulo (no período em que morou na cidade); do Covil *Rock’n Bar* (Benfica); do *House Garden Pub* (Varjota); de sua casa, no bairro Padre Andrade (Fortaleza), em *performances* transmitidas virtualmente durante a pandemia.

Em 2024, a cantora lançou Tíquete, seu terceiro EP. Ao contrário do Vitrine, a capa é minimalista (Figura 10): apenas um fundo branco e um bilhete de passagem com destino ao vale das bonecas, reiterando esse estado mental como um lugar dentro da Berlim Tropical, cidade imaginada. O Tíquete de Clapt configura-se como uma via de acesso e também como um convite ao ouvinte. O primeiro *single*, Clube Pop, apresenta uma balada que é também um refúgio localizado dentro do vale das bonecas (como sugere a fotografia do ensaio que a artista fez para a divulgação da canção, onde aparece em frente a um letreiro em neon no qual se lê “badalação no vale das bonecas”). Além de reivindicar o lugar do pop, o título faz alusão ao programa Clube Pop, formado por uma curadoria diária de videocliques pop exibidos na TV União, canal local que nos anos 2000 e 2010 foi responsável por boa parte da socialização musical da juventude de Fortaleza – a partir de dispositivos como o *chat* união, no qual o público conversava ao vivo (marcando encontros e rolês, por exemplo) por mensagens de texto que eram exibidas na tela –; a vinheta do programa era composta por um *take* de *Satisfaction*, canção de Benny Benassi que Clapt sampleia em Clube Pop. Já o videoclipe do segundo *single* de Tíquete,

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Sentido Proibido, apresenta paisagens emocionais de uma Fortaleza periférica derrubada, mas preciosa e nostálgica para a artista.

Figura 10 – Fragmento da capa do EP *Tíquete*; ensaio promocional para o *single* *Clube Pop*; videoclipe de *Sentido Proibido*



Fonte: Facebook; Youtube¹⁹.

Ao criar um clube dentro de um vale que, por sua vez, fica dentro de uma urbe imaginada, a obra de Clapt expande as possibilidades cartográficas da *Berlim Tropical* – tanto em seus contornos virtuais como nos limites territoriais perpassados pelo coletivo em Fortaleza. Em outubro de 2024, a artista investiu do próprio bolso na revitalização do 18º Canteiro Independente, um festival periférico de música de rua que foi realizado, na referida edição, na Avenida da Leste-Oeste. Como conta o musicista Jonnata Doll (Rodrigues, 2017, n.p.): “é um canteiro de rua na ‘perifa’ de Fortaleza, ali na entrada do Pirambu. [...] Várias bandas tocaram lá, como *Intuición* e *New Model*. [...] É um lugar independente que a galera faz a coisa acontecer por conta própria”.

A edição de 2024 do Canteiro Independente contou com apresentações de Clapt, que conseguiu fazer o primeiro *show* do EP *Tíquete*, trazendo o *Clube Pop* para a rua (Figura 11); das DJs Tarantula e Sideral, que trouxeram sets da *Erratika* (festa eletropunk fortalezense); e de musicistas independentes de Fortaleza como Holy Ghosts, Obscuro Silencio, Gabriel Peixe, Bartira Dias, Batuta e Pierrot. No fim de uma tarde de sábado que se estendeu até quase a madrugada, construiu-se em uma das principais avenidas da periferia fortalezense uma comunidade de amantes de música que se jogavam ao som do *rock*, da eletrônica e demais discotecagens obscuras. Em postagem de

¹⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/in.blloom/>; <https://www.youtube.com/watch?v=qRvV1NA8d7k>. Acesso em: 16 jan. 2025.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da *Berlim Tropical* entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

agradecimento/desabafo após o festival, Clapt reivindica a importância da música independente para a comunicabilidade da arte na periferia e nas demais culturas urbanas.

Obrigada aos artistas que toparam tocar nesse rolê, sou uma apreciadora da arte independente, desse berço eu também vim e espero poder contribuir culturalmente até o fim dos meus dias. Fazer esse rolê acontecer em um dos bairros mais perigosos da cidade é algo super importante. Alguns dias antes do evento eu adoeci e precisei ir na UPA²⁰ do Cristo Redentor, região que fica próxima aonde aconteceu o evento e simplesmente mataram um jovem com sete tiros na cabeça à luz do dia... É preciso incentivo para a juventude, tantos querem poder comunicar suas dores e alegrias e a arte é um meio de dar voz pra isso. Vocês não têm ideia como eu amo quando vejo crianças assistindo aos *shows*, apresentações, aquilo é um estímulo e uma lembrança que nunca será apagada. Sua arte importa mesmo que não faça dinheiro. Um pequeno desabafo aqui, aproveitando o textão: tem sido cada vez mais difícil pra mim me apresentar, fazer *shows* por conta da minha autoestima e me questiono o tempo todo se eu deveria – ainda – estar fazendo isso, então, obrigada ao apoio enquanto tenho que me forçar a sair pra fazer o que eu amo; dói muito, mas meu espírito precisa. É preciso coragem até pra fazer o que seu coração grita (Bloom, 2024, n.p.)

Figura 11 – Clapt Bloom se apresentando no 18º Canteiro Independente (2024)



Fonte: Instagram²¹.

Já Rosabeats iniciou sua carreira solo em 2020, ainda sob o nome artístico Lua, e desde então lançou *singles*, *covers*, *remixes* e quatro EPs. Os dois primeiros são Atlântico (Parte 1 – Maré Alta) e Atlântico (Parte 2 – Maré Baixa).

²⁰ Unidade de Pronto Atendimento, aparato público do Sistema Único de Saúde (SUS).

²¹ Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBrGbX_Ovyn/. Acesso em: 16 jan. 2025.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

Atlântico é um projeto de música pop eletrônica que tem como principal característica unir esta estética com a musicalidade latina e regional, misturando influências do *synthpop*, *new wave*, *electronic house* e *dance music* com ritmos como o carimbó, o *reggaeton* e o forró para formar o estilo musical arrasta *wave*, que compõe todos os estilos nos quais o artista se inspirou. [...] O disco será lançado em duas partes. A primeira, Maré Alta, conta com cinco faixas que transmitem “o efervescer das emoções e o despertar da energia criativa”, que é representada pelos elementos naturais terra e fogo, transmitindo um som mais agitado, alegre e quente. [...] A segunda parte, Maré Baixa, apresenta a ideia oposta-complementar à anterior, transmitindo o acalmar e a introspecção dos sentimentos, representada pelos elementos água e ar. Aqui, predomina uma estética sonora mais calma, reflexiva e fria, sempre conversando com elementos oitentistas representados por sintetizadores e programações musicais (Casemiro, 2020, n.p.)

Essa apresentação do álbum Atlântico (dividido nos dois EPs) indica que a estética de Rosabeats representa a mistura característica da Berlim Tropical, construindo um entrelugar que envolve diversos gêneros musicais e territorialidades. Unindo o local e o transnacional, Rosabeats adota uma estética pop tropical (simbolizada pelo arrasta *wave*, um estilo que remete à tropicalidade do arrasta-pé e à eletrônica) que aborda os opostos-complementares do litoral fortalezense: o quente e o frio, o efervescer e o acalmar das emoções, o deslocamento e o acolhimento, o carimbó e o *synthpop*... Gay (muito bicha), negro e nordestino, Rosabeats reflete também sua fusão de identidades e vivências em sua estética (Figura 12).

Figura 12 – Capa dos EPs Atlântico (partes 1 e 2); capa do *single* Balanço Iracema; imagem promocional para o EP Batuque; ensaio para o EP Amasso Digital



Fonte: Instagram²².

Enquanto Clapt é uma mulher cis, bissexual e branca e Lola é uma mulher trans, heterossexual e branca, Rosabeats é um homem cis gay negro que se identifica como

²² Disponível em: <https://www.instagram.com/rosabeats/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

pardo. Em sua dissertação, Hortência Rocha (2023) se dispõe a analisar os processos de subjetivação da produção identitária parda no contexto das relações étnico-raciais do Brasil. Atualmente, o Estatuto da Igualdade Racial estabelece que a população negra é composta por pessoas pretas e pardas; já Rocha (2023, p. 38) aponta para um “não-lugar ou um lugar de transição, de fronteira, um entrelugar onde o pardo se situa”. Ela também reconhece que a construção do entrelugar pardo está relacionada ao mito da democracia racial e à falsa narrativa de que toda a população brasileira seria mestiça – debate também levantado por Liv Sovik (2009) em “Aqui ninguém é branco”. Na pesquisa, Rocha (2023, p. 6) constata que há, para as identidades pardas, um “conflito entre autoidentificação e heteroidentificação racial, a forma como percebem a discriminação racial como mais sutil e contextual, experimentando-a de maneira ambígua, embora reconheçam que seus corpos são racializados”. Contudo, a questão está longe de ser resolvida, visto que apesar da classificação “oficial” no Estatuto da Igualdade Racial, no plano sociocultural a própria comunidade negra se divide em relação aos pardos serem considerados negros ou não.

Embora todo corpo seja racializado (inclusive o branco, que precisa ser nomeado), é sintomático que para as pessoas pardas essa nomeação/afirmação tenha essa particularidade. Isso porque identidades pardas podem ser lidas pela sociedade como brancas ou negras, e tal leitura vai depender de fatores fenotípicos, históricos, contextuais, subjetivos e simbólicos. Rosabeats, ao propor seu estilo arrasta *wave*, agencia e performa gêneros musicais apropriados pela branquitude junto a gêneros (*afrobeat*, carimbó, maracatu) relacionados a uma ancestralidade cultural negra, atribuindo mais um entrelugar à estética da Berlim Tropical.

Rocha (2023) observa que a identidade parda está sempre suscetível a diferentes leituras de acordo com as roupas, trejeitos, cabelos, gírias, linguagens e demais expressões culturais das pessoas pardas. E como os brancos historicamente se apropriaram de gêneros como o *rock* e a eletrônica (e, por vezes, o próprio pop), Rosabeats enfrenta a possibilidade de ser enquadrado como branco quando performa a estética de tais gêneros, enquanto parece buscar quebrar as categorizações do que seria “música de branco” ou “música de negro”. Já ao ser convidado para produzir e cantar Kikaço (2022), trilha sonora de Manifesto *Afropunk* (*fashion film* encabeçado por Murilo da Paz, produzido e estrelado por artistas negros – dentre eles Rosabeats – e exibido no

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

festival Dragão *Fashion* Brasil, em Fortaleza), o cantor também é reconhecido como negro por seus pares. Ao invés de buscar um veredito sobre a identidade parda, Rocha propõe que pensemos as particularidades das produções de sentido atreladas a esse entrelugar.

Já o quarto EP do artista, *Amasso Digital* (2023), segue a proposta de Atlântico, indo do pop ao xote eletrônico. “Passando pelos estilos *electropop*, *synthpop*, *reggae*, *house*, *moombahton*, *funk* e *reggaeton*, [...] continua a assinar a marca Berlim Tropical, que mistura elementos da música eletrônica com os ritmos quentes e tropicais” (Salviano, 2023, n.p.). Em sua carreira solo, Rosabeats já se apresentou nos palcos do Parque Dom Aloísio Lorscheider (bairro Itaperi) e continua a performar suas músicas solo (assim como Clapt) nos *shows* da Berlim Tropical, atraindo um público diverso em raça, classe, gênero e sexualidade.

Além de artista plástica e modelo, Lola seguiu sua carreira solo se solidificando especialmente como DJ, compondo (até o ano de 2024) a Houzeria, um coletivo de produção de festas de música eletrônica em Fortaleza. Tocando tanto em barracas de praia como a Órbita Blue (Praia do Futuro) como em baladas (Valentina, Amsterdam, *The Lights*), teatros e bares, a artista performa *DJ sets* que envolvem sobretudo os gêneros *house* e *techno*. Já em estúdio, Lola lançou em 2021 a faixa *Exotic*, além de um *cover/remix* eletrônico de *El Me Mintió*, canção de Amanda Miguel (Figura 13). É evidente que seu trabalho como DJ na praia e nas boates reforça a estética *clubber* tropical não só do coletivo, mas de todo um público fiel que segue Lola em suas discotecagens.

Figura 13 – Capa do *single El Me Mintió*; peça de divulgação da Houzeria e da festa Paralelo; ensaio fotográfico; quadros pintados por Lola



Fonte: Instagram²³.

²³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/lolagarrcia/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

2.5. O Trio Berlim Tropical (desde 2023)

Como mencionado, em 2023 o coletivo decidiu retornar aos palcos como uma banda. Unir suas forças permite que os artistas performem tanto suas canções solo como as dos projetos *Intuición*, *New Model* e *Hijas de Puta*, além das obras que lançarem como um trio – como é o caso das canções que compõem a *mixtape* *Pancadão Solar*, lançada pela banda em junho do referido ano.

Na obra, Clapt, Rosabeats e Lola cantam, escrevem e produzem as três músicas que a compõem. A primeira delas é *Calor 40 Graus*, uma versão *funk* da canção *Sad Fashion* do *New Model*; a segunda é *Pancadão Solar*, a faixa-título, que transita entre o *house*, o tropical e o *dance*; já a terceira é *Desfilando (Na Tua Frente)*, canção eletropop que assinou o desfile comemorativo de dez anos da grife fortalezense David Lee. Na capa da *mixtape*, uma produção bastante pop traz um *close* em um peitoral bronzeado que carrega uma carteira de cigarro *Marlboro Red* no biquíni. É quase possível sentir que a temperatura da imagem marca quarenta graus *celsius* (Figura 14).

Figura 14 – Capa da *mixtape* *Pancadão Solar*; imagens promocionais para a obra



Fonte: Instagram²⁴.

Para a divulgação da *mixtape*, o coletivo adotou uma estética jovial que remete às capas de caderno e pôsteres destinados ao público adolescente dos anos 2000. Os visuais incluem cores tropicais, rabiscos, poses hiperteatrais, recortes, sobreposições e edições gráficas grosseiras que parodiam a juventude do início do terceiro milênio. Tais elementos remetem ao *camp*, uma manifestação estética vinculada à comunidade LGBTQIAPN+. O fenômeno é apresentado por Susan Sontag (2020) como uma sensibilidade que dissolve as fronteiras entre o frívolo e o sério, entre o natural e o artificial. Há um apreço pelo performático, pelo excesso, pela paródia e pelo deboche – que no caso de *Pancadão Solar*

²⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/berlimtropical/>>. Acesso em: 20 jul. 2023.

chega a ser autorreferencial: os artistas brincam consigo mesmos e com suas próprias referências da infância.

Pancadão Solar confere ao coletivo uma estética ainda mais pop e tropical, em comparação aos projetos anteriores. Como Rosabeats apontou no início desta análise, o público que depara com as produções pop contemporâneas da Berlim Tropical pode não imaginar que o coletivo tem suas raízes em cenas *underground* bastante distintas de sua estética atual.

Após o lançamento da *mixtape*, os membros do coletivo continuam em seus respectivos trabalhos solo e se reúnem nos palcos quando a oportunidade financeira faz a ocasião, como é o caso do concerto mais recente (2025), no palco do Hub Cultural Porto Dragão (localizado no centro da cidade), um dos diversos aparatos públicos de incentivo à arte e cultura cearense. Juntamente aos *shows*, o grupo também tem promovido o selo de festas Berlim Tropical, que acontecem isoladamente ou como *after parties* das suas apresentações. Duas das edições se deram logo após a *performance* do trio nos festivais Férias na PI (Praia de Iracema) e Barulhinho Delas (Estação das Artes, Centro), em 2023. Nas festas, os três artistas discotecam com experimentações ao vivo e composições de *jam sessions*, criando um circuito de seguidores e apreciadores da música eletrônica (e diversos outros gêneros) que se deslocam pela cidade em busca de uma socialização que acontece nas territorialidades de um lugar imaginado, mas completamente real.

3. Considerações finais: um vale dentro da cidade?

Por meio da construção inicial de uma cartografia musical do coletivo, fica evidente que a Berlim Tropical não possui uma, mas múltiplas estéticas – reflexo dos entrelugares que ela ocupa ao transitar entre o regional e o global, entre o Atlântico e o Pacífico, entre o *mainstream* e o *underground*, entre a eletrônica, o pop e uma pluralidade de gêneros musicais, entre o centro e a periferia de Fortaleza, entre as cenas da música eletrônica e do *rock*. Indo do *punk* ao *camp*, do *clubber* ao tropical, da boneca do cão à *transangel*, do colorido ao *grunge*, do indie ao pop, do gringo ao latino, os artistas cearenses investigados dialogam com aqueles que sabem como é não pertencer a um território, a um grupo ou à própria cidade, mas que encontram em suas amigas o

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

acolhimento necessário para ter algum lugar no mundo – mesmo que se trate de um entrelugar.

É impossível falar de estética sem falar de (des)afetos; os sentimentos evocados pelas obras do coletivo refletem as vivências do sujeito nordestino que se sente deslocado – seja por questões de gênero, raça, sexualidade, classe, corpo ou geopolítica – e que cresceu naquilo que Omar Rincón (2015) chama de cultura bastarda, uma fusão entre a mãe, a cultura local, e o pai, a cultura popular que “contamina” a pureza da terra natal com sentidos midiáticos, identitários e transnacionais. Berlim Tropical une o popular e a vanguarda, o nativo e o estrangeiro – como fizera a Tropicália.

Assim como é impossível categorizar o coletivo em uma estética, torna-se inviável tentar apreendê-lo numa única cena musical ou cultura urbana; aqui a Berlim Tropical torna-se reflexo da multiplicidade e transitoriedade de fenômenos que envolvem expressões artísticas e culturais nas urbes contemporâneas. Talvez alguns artistas independentes estejam mais focados em estar em movimento ou em metamorfose, embora sempre haja disputas por um lugar ao sol escaldante das cenas da capital cearense.

Se a cena musical se cria na relação entre som, cultura e território, o desenvolvimento desta pesquisa aponta para o campo da estética como um caminho para analisar e cartografar fenômenos que transitam por entrelugares culturais, precisamente porque há uma atenção tanto à forma quanto ao conteúdo: interessam-nos as cores, sons, cheiros, texturas, sabores e, não menos importante, os sentimentos que atribuem sentido às obras abordadas, compondo signos que deixam rastros do deslocamento performedo pelos artistas dentre as cenas, territórios e culturas urbanas.

A investigação deste artigo não termina aqui. Construiu-se, até então, um mapeamento inicial das expressões estéticas do grupo a partir de sua pluralidade de projetos, mas as questões levantadas concernem à uma pesquisa mais ampla. Pensar as agências da Berlim Tropical como um coletivo de artistas que precisou criar seu próprio nicho dentro de uma cena musical requer reconhecer que essa não é uma experiência individual; pelo contrário, trata-se de um processo de aninhamento tecido pelos atores das cenas. A arquitetura da Berlim Tropical se sustenta também a partir de pontes que eles estabelecem com outros artistas que não necessariamente estão na cena eletrônica, mas

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

que também estão tentando encontrar um lugar para chamar de seu, especialmente no circuito da arte independente (tão sucateada no Brasil).

Muitos são os casos de artistas e grupos que se deslocam entre as cenas de Fortaleza, do Nordeste e do Brasil, construindo subculturas urbanas que se formam para além dos radares, nos resíduos culturais. Como exemplos, há em Fortaleza a Família Fazeno Rock (formada a partir da iniciativa de Mateus Fazeno Rock, que não se encaixava na cena do gênero) e a banda *eletropunk Montage*; em Recife, artistas como a dupla Barbarize (*afropop*) também têm criado seu ninho de artistas, formando pontes com cantoras como a Mun Há (conhecida pelo aposto “a não binária do brega”); nas demais regiões brasileiras, tais nichos também se proliferam, complexificando a rede cênica da música. Tomando como metáfora a canção Vale das Bonecas de Clapt Bloom, estaríamos deparando, na contemporaneidade, com **vales musicais** situados nos entrelugares das cenas?

REFERÊNCIAS

BENEVIDES, Márcio. **Música além da música**: uma etnografia dos afetos e das coletividades na cena *rock* de Fortaleza-CE. Orientadora: Glória Maria dos Santos Diógenes. 2019. 268 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2013.

BLOOM, Clapt. Tarde Quente – Hijas de Puta. **Youtube**, 22 de janeiro de 2018. 2min27s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FX73Z8EtF-g>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BLOOM, Clapt. **O Vale das Bonecas é mais do que um lugar**. Fortaleza. 13 jul. 2021a. Instagram: @clapt. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CRRLaRZlzlH/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

BLOOM, Clapt. Vale das Bonecas – Clapt Bloom (lyric vídeo vertical). **Youtube**, 27 de agosto de 2021b. 2min50s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmdkD469zVQ>. Acesso em: 11 fev. 2023.

BLOOM, Clapt. Unpopstar – Clapt Bloom (lyric video vertical). **Youtube**, 20 de julho de 2021c. 3min9s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=j2-ASpLlqaU>. Acesso em: 18 nov. 2021.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

BLOOM, Clapt. Mufina – Clapt Bloom (lyric video vertical). **Youtube**, 10 de dezembro de 2021d. 3min1s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=El5VKgm4erQ>. Acesso em: 20 jul. 2023.

BLOOM, Clapt. **18º Canteiro Independente**. Fortaleza. 28 out. 2024. Instagram: @clapt. Disponível em: https://www.instagram.com/p/DBrGbX_Ovyn/. Acesso em: 16 jan. 2025.

CASEMIRO, Lucas. Cantor Lua, do Laboratório de Música 2019, lança primeiro álbum solo. **Porto Iracema das Artes**, Fortaleza, 07 fev. 2020. Disponível em: <https://encurtador.com.br/TfIfo>. Acesso em: 20 jul. 2023.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Que emoção! Que emoção?** Tradução: Cecília Ciscato. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Povo em lágrimas, povo em armas**. Tradução: Hortencia Lencastre. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2021.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; HERSCHMANN, Micael. Usos da cartografia nos estudos de comunicação e música. **Fronteiras - Estudos Midiáticos**, São Leopoldo, v. 17, n. 3, p. 290-301, 15 set. 2015. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2015.173.03>. Acesso em: 22 maio 2023.

FERNANDES, Cíntia Sanmartin; SOUZA, Jô. A Galeria do Rock: um pequeno “alto lugar”. **Dobra[S]**: revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, [S.L.], v. 3, n. 6, p. 86-95, 9 fev. 2009.

GADELHA, Kaciano Barbosa. “**Um barulho na cidade**”: culturas juvenis e espaço urbano. Orientadora: Irllys Alencar Firmo Barreira. 2007. 138 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

JANOTTI JUNIOR, Jeder. Reconfigurações do pop e o lugar da escuta conexa em ecossistema de mídias de conectividade. In: SÁ, Simone Pereira de; AMARAL, Adriana; JANOTTI JUNIOR, Jeder (org.). **Territórios afetivos da imagem e do som**. Belo Horizonte: Fafich: Selo PPGCOM: UFMG, 2020. p. 23-40.

JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de. Apresentação. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de. **Cenas Musicais**. Guararema: Anadarco, 2013. p. 5-6.

JUVTV. Festival Férias na PI | Berlim Tropical. **Youtube**, 24 de janeiro de 2023. 10min36s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BWYabzhDBms>. Acesso em: 20 jul. 2023.

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012. 400 p.

MONTEZUMA, Lara. Berlim Tropical anuncia retorno com festa e novo single. **O Povo**, Fortaleza, 02 mai. 2023. Disponível em: <https://mais.opovo.com.br/jornal/vidaarte/2023/05/02/berlim-tropical-anuncia-retorno-com-festa-e-novo-single.html>. Acesso em: 22 mai. 2023.

NEW MODEL. Sad Fashion. **Letras**, Fortaleza, 2017a. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/new-model/sad-fashion/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NEW MODEL. Electrolambada. **Letras**, Fortaleza, 2017b. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/new-model/electrolambada/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NEW MODEL. Praiana. **Letras**, Fortaleza, 2017c. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/new-model/praiana/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

NEW MODEL. Transangel. **Letras**, Fortaleza, 2017d. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/new-model/transangel/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

RELEASE - TOPIC. Desfilando (Na Tua Frente). **Youtube**, 14 de junho de 2023. 2min40s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IK6OFDaXkiM>. Acesso em: 27 jan. 2025.

RINCÓN, Omar. Lo pop-pular está de moda: sobre culturas bastardas y quilombos pop-líticos. In: MARTIN BARBERO, Jesus et. al. **Voces Abiertas**: comunicación, política y ciudadanía en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 179-213.

ROCHA, Hortência Sousa. **Pardo: uma identidade construída no limbo?** processos de subjetivação dos pardos no contexto brasileiro. Orientador: Ramon Luis de Santana Alcântara. 2023. 100 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

RODRIGUES, Rubens. Jonnata Doll indica lugares relembrando sua Fortaleza underground. **O Povo**, Fortaleza, 13 jul. 2017. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/fortaleza/2017/07/jonnata-doll-indica-lugares-relembrando-sua-fortaleza-underground.html>. Acesso em: 16 jan. 2025.

SALVIANO, Romã. Porto Iracema das Artes realiza lançamento do EP “Amasso Digital”, de Rosabeats. **Porto Iracema das Artes**, Fortaleza, 06 jan. 2023. Disponível em: <https://portoiracemadasartes.org.br/porto-iracema-das-artes-realiza-lancamento-do-ep-amasso-digital-de-rosabeats/>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SANTOS, Lillian. Show de Ludmilla: Férias na PI reúne multidão com sons diversos. **O Povo**, Fortaleza, 15 jan. 2023. Disponível em:

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110

<https://www.opovo.com.br/vidaarte/2023/01/15/show-de-ludmilla-ferias-na-pi-reune-multidao-com-sons-diversos.html>. Acesso em: 19 jul. 2023.

TV CEARÁ. Conexões Periféricas 3ª Temporada – Episódio 7 – “Cidade de Afetos, Sonhos e Resistência”. **Youtube**, Fortaleza, 12 de agosto de 2017. 26min09s. Disponível em: <https://youtube.com/watch?v=KUa5KWvwJVc>. Acesso em: 20 jul. 2023.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

STRAW, Will. Cenas Culturais e as Consequências Imprevistas das Políticas Públicas. *In*: JANOTTI JUNIOR, Jeder; SÁ, Simone Pereira de. **Cenas Musicais**. Guararema: Anadarco, 2013. p. 9-23.

Recebido em: 29/01/2025 Aprovado em: 25/04/2025
--

“A gente consegue se acolher”: em busca das estéticas da Berlim Tropical entre cenas musicais fortalezenses – Gabriel Holanda Monteiro – p. 79-110